



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

ANDREZA FIGUEIREDO DO NASCIMENTO

**A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:
IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

CAJAZEIRAS - PB

2019

ANDREZA FIGUEIREDO DO NASCIMENTO

**A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:
IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras/Língua Portuguesa, do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande – *Campus* de Cajazeiras - como requisito de avaliação para obtenção do título de licenciado em Letras.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva

CAJAZEIRAS - PB

2019

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

N244e Nascimento, Andreza Figueiredo do.
A evolução histórica da ortografia da língua portuguesa: implicações para o ensino / Andreza Figueiredo do Nascimento. - Cajazeiras, 2019.
38f.: il.
Bibliografia.

Orientador: Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2019.

1. Ortografia - historia. 2. Língua portuguesa - ortografia. 3. Língua latina. 4. Ortografia - ensino. I. Silva, Abdoral Inácio da. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 81'35(091)

ANDREZA FIGUEIREDO DO NASCIMENTO

A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA:
IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO

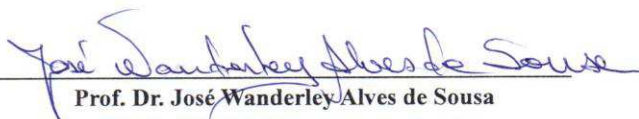
Monografia apresentada ao Curso de Letras – Licenciatura em Língua Portuguesa da Unidade Acadêmica de Letras do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande.

Aprovado em: 03/07/2019

BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Abdoral Inácio da Silva
(UAL/CFP/UFCG - Orientador)



Prof. Dr. José Wanderley Alves de Sousa
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 1)



Profa. Ma. Francisca Damiana Formiga Pereira
(UAL/CFP/UFCG - Examinador 2)

A Deus, autor da vida;

*A minha mãe Adileuza por sempre ter estado
ao meu lado e nunca ter desistido de mim;*

*A minha vovozinha Francisca, por ter
acreditado em mim e sempre olhar por mim
de onde está;*

A minha filha Dafne, fonte de ânimo.

Ao meu esposo Rafael, minha fonte de apoio;

PARA SEMPRE, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo dom da vida, e por ter me dado saúde e força para superar os obstáculos diários.

A minha filha Dafne que me dá forças para não desistir de traçar e alcançar metas, por me fazer sorrir quando estou desabando e me dar o amor mais puro do mundo.

A minha mãe Adileuza, que sempre me incentivou e apoiou a alcançar meus objetivos, me deu forças para continuar. Por não ter desistido de mim, ter sido pai e mãe e cuidar tão bem da minha filha sempre que eu vou para a faculdade ou preciso estudar.

A minha vovozinha Francisca, em memória, que foi mais que uma avó, foi uma segunda mãe, acreditou, se empenhou e ignorou suas próprias necessidades para o meu sucesso. Por não ter esquecido de mim nem em seu leito de morte e estar olhando por mim pertinho de Deus.

Ao meu esposo Rafael que me aconselhou e acolheu quando, por inúmeras vezes, me senti incapaz. Por ser meu suporte, me dar amor e carinho.

Ao meu avô materno, Deuselino, que fez a vontade de minha avó e com sua pensão me deu possibilidades financeiras de realizar meu sonho.

A minha tia Aldeni por ter me ajudado no resguardo com Dafne para eu conseguir estudar nas madrugadas.

A minha sogra Marli, ao meu sogro Gilberto e a minha cunhada Raylla, por ajudarem sempre que podem no que está ao alcance, seja financeira ou emocionalmente e por acreditarem em mim.

Aos meus familiares e a todos que torceram por mim, de um modo geral e dedicaram suas orações pelo meu sucesso.

A meu orientador, Abdoral Inácio, pela paciência e palavras de ânimo. Uma pessoa admirável, humana e de uma inteligência inigualável, no qual me inspiro como pessoa e profissional, por ter sido amigo além de um ótimo orientador.

As minhas colegas graduadas e graduandas, Vanessa Nunes, Maria Natália, Karla Késsia, Mariana, Maria Jocimara, Danilly, Edinete e Raquel, que foram amigas, apoiaram na minha licença maternidade, aconselharam, foram companheiras de choros e risadas nos corredores e área verde da faculdade. Também ao meu amigo de infância Denis, que foi ótima companhia de risadas e sofrimentos.

Aos professores da Unidade Acadêmica de Letras, pela dedicação e responsabilidade com que conduzem as aulas para formação acadêmica e profissional de seus alunos, especialmente os da banca examinadora, por terem aceitado o convite contribuindo para o meu trabalho final e a professora de TCC, Erlane, pela dedicação e paciência nas correções do meu trabalho.

Aos coordenadores e secretários pelo pronto atendimento sempre que precisei e todos os funcionários que possibilitam um bom ambiente para aprendizagem, desde os serviços gerais, aos funcionários das cantinas e xerox, pela paciência, dedicação e bom trabalho.

RESUMO

O presente trabalho aborda os aspectos históricos da ortografia levando em consideração a evolução desde o latim clássico, passando pelo latim vulgar, galego-português, português arcaico até o português contemporâneo. Para isso, traçamos como objetivo geral analisar a evolução histórica da ortografia da língua portuguesa para perceber como essas mudanças são significativas para o ensino efetivo da ortografia. Nesse sentido, definimos como objetivos específicos: descrever as transformações ortográficas que ocorreram durante a expansão do Império Romano até a chegada a Península Ibérica; conhecer os três períodos pelos quais a ortografia da língua portuguesa se modificou: o fonético, o pseudoetimológico e simplificado e sugerir possibilidades de abordagens de um ensino contextualizado da ortografia, considerando os aspectos de regularidades e irregularidades da língua. A pesquisa é de cunho qualitativo, pois não pretende quantificar dados para obtenção de resultados, e é bibliográfica, pois é baseada em obras já publicadas. Como aparato teórico, nos ancoramos em Coutinho (2011), Carneira (2005) e Gonçalves (2007) para tratar da história da língua latina e dos processos históricos de transformação do português, Bagno (2007) com o olhar histórico e social quanto ao ensino de língua materna, e Moraes (2008) e Monteiro (2008) com instruções direcionadas ao docente de língua portuguesa no que se refere ao ensino de ortografia. Assim, através dessas concepções teóricas que enriquecem as pesquisas acerca da nossa língua, pretendemos sugerir possíveis abordagens por parte do docente que considerem os conhecimentos prévios dos discentes, levando em consideração também todo o processo evolutivo e histórico da ortografia no ambiente escolar.

Palavras-chave: Língua latina. Ortografia da língua portuguesa. Ensino.

ABSTRACT

The present work deals with the historical aspects of orthography considering the evolution from the Classic Latin, passing through the Vulgar Latin, Galician-Portuguese, Archaic Portuguese until contemporary Portuguese. For this, we have as a general objective to analyze the historical evolution of Portuguese orthography to understand how these changes are significant for the effective teaching of orthography. In this sense, we defined as specific objectives: to describe the orthographic transformations that occurred during the expansion of the Roman Empire until the arrival in Iberian Peninsula; to know the three periods by which the orthography of the Portuguese language has changed: the phonetic, the pseudo-etymological and simplified; and to suggest possibilities of contextualized teaching of orthography, considering the aspects of regularities and irregularities of the language. The research is qualitative as it does not intend to quantify data to obtain results, and it is bibliographical, since it is based on works already published. As a theoretical apparatus we anchor in Coutinho (2011), Carneira (2005) and Gonçalves (2007) to deal with the history of the Latin language and the historical processes of transformation of the Portuguese language; Bagno (2007) with the historical and social perspective of mother tongue teaching; and Moraes (2008) and Monteiro (2008) with instructions directed to the Portuguese teacher regarding the teaching of orthography. Thus, through these theoretical conceptions that enrich the research about our language, we intend to suggest possible teaching approaches that consider the previous knowledge of the students, taking into account also the entire evolutionary and historical process of orthography in the school environment.

Keywords: Latin language. Orthography of the Portuguese language. Teaching.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	- Povos pré-Romanos da Península Itálica (séc. X-VIII a.C.).....	16
Figura 2	- Expansão de Roma na Península Itálica.....	18
Figura 3	- O Império Romano.....	19
Figura 4	- Línguas Faladas na Península como avanço da reconquista.....	20
Figura 5	- Fases do Ciclo da Abordagem da Escrita.....	32
Quadro 1	- Transcrições fonéticas indicando ponto e modo de articulação.....	29

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	13
2 HISTÓRIA DO LATIM	16
3 HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA.....	24
3.1 PERÍODO FONÉTICO	24
3.2 PERÍODO PSEUDOETIMOLÓGICO.....	25
3.3 PERÍODO SIMPLIFICADO.....	26
4 PARTICULARIDADES DA ORTOGRAFIA NO ENSINO LÍNGUA PORTUGUESA	29
4.1 SUGESTÕES PARA O ENSINO DE ORTOGRAFIA EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	39

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Diante da história de transformações da língua portuguesa, desde o latim clássico, passando pelo latim vulgar, galego-português, português arcaico até o português contemporâneo, consideramos que a ortografia da nossa língua é repleta de valiosas informações que foram herdadas historicamente e possui muitos pontos a serem observados e destacados para uma compreensão mais concreta da língua.

O presente trabalho propõe-se resgatar a história da língua portuguesa, sucintamente, desde o latim até o português hodierno, a fim de refletir a vulnerabilidade da língua no movimentar-se do tempo e perceber as diversas transformações pelas quais ela passou até que se chegasse ao português atual, dando sugestões de como abordar a ortografia da língua portuguesa em sala de aula, considerando o seu aspecto histórico.

A motivação para o desenvolvimento dessa pesquisa partiu de um interesse pela história da nossa língua, desde o estudo da disciplina de língua latina, onde tivemos alguns momentos dedicados reflexões a respeito das transformações da língua originária, na nossa língua portuguesa.

Visto que, o professor de língua portuguesa identifica, em sala de aula, as mais diferentes e frequentes dúvidas e é o responsável por apresentar a ortografia para seus alunos com todas as suas particularidades, cuidando para que estes não se bloqueiem diante dos seus próprios erros, buscamos refletir se é viável usar a história da língua para conhecer melhor o português atual. A partir dessa preocupação, partimos para a seguinte problemática: É possível trabalhar a ortografia de uma perspectiva histórica, considerando os processos de transformação da língua, para um ensino contextualizado?

Acreditando ser pertinente o ensino de ortografia atrelado a história da nossa língua, tendo em vista que são poucos os trabalhos que atentam para esse tipo de perspectiva, desenvolvemos essa pesquisa indicando ao professor formas de abordagem que ajudem o aluno a perceber os seus erros, tendo acesso não só a ortografia imposta pela norma padrão, como também aos diversos processos (erros) ao longo do tempo, que foram dando novos traços a nossa língua

A pesquisa é de cunho qualitativo, pois segundo Gerhardt e Silveira (2009), a preocupação maior deste tipo de pesquisa não está centrada na representatividade numérica, mas no aprofundamento da compreensão de outrem, visando explicar o

porquê das coisas, tratando assim de aspectos que não podem ser quantificados, e é bibliográfica, pois é baseada em obras já publicadas e segundo Cervo, Bervian e da Silva (2007) é um procedimento que acontece em estudos pelos quais se busca o domínio sobre determinado tema.

Para isso usamos como referência os teóricos Coutinho (2011), Cardeira (2005) e Gonçalves (2007) para tratar da língua latina e dos processos históricos de transformação do português, Bagno (2007) com o olhar social quanto ao ensino de língua, Morais (2008) e Monteiro (2008) com instruções direcionadas ao professor no ensino de ortografia. Através desses estudiosos que enriquecem as pesquisas acerca da nossa língua, pretendemos sugerir possíveis abordagens da ortografia em sala de aula.

São quatro os capítulos que compõem esta pesquisa: o primeiro capítulo: é a Introdução, o segundo capítulo: História do latim, o terceiro História da ortografia da língua portuguesa, e o quarto capítulo: Particularidades da ortografia no ensino de língua portuguesa.

Na Introdução, discorreremos sobre a temática da pesquisa; os objetivos; a fundamentação teórica que dá o subsídio necessário para a nossa pesquisa e sugestões de ensino; a justificativa; a metodologia e a organização estrutural do texto, indicando o que é discutido em cada capítulo.

O segundo capítulo pretende retomar a língua latina, através de Coutinho (2011) com a *Gramática Histórica* e Gonçalves (2007) com *Língua Latina*, que contam a história do latim, que se espalhou através do Império Romano e hoje vive através das línguas neolatinas que surgiram a partir dela e foram se modificando e ganhando novos traços através dos tempos, povos e culturas. Foi uma ferramenta de produção literária e documental durante muitos anos. Além de Cardeira (2006) com *O essencial sobre a história do português*, trazendo a importância do latim para o surgimento do português.

Nossa língua portuguesa é tratada no terceiro capítulo, através da gramática de Coutinho (2011), considerando o aspecto da ortografia em uma abordagem histórica, descrevendo os três períodos: fonético, pseudoetimológico e simplificado, que marcaram a ortografia da nossa língua materna.

A partir das reflexões que podemos fazer conhecendo a história do latim e a ortografia do português, partimos, no quarto capítulo, para as considerações acerca das particularidades da ortografia atual com base dissertação de mestrado de

Monteiro (2008) intitulada *A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas* e Morais (2008) com *Ortografia: ensinar e aprender*.

Ao final do quarto capítulo apontamos sugestões para o ensino de ortografia em uma perspectiva histórica de abordagem, utilizando como suporte Morais (2008) considerando os aspectos sociais e os conhecimentos prévios do aluno, acompanhando o pensamento de Bagno (2007) com *Língua Materna: letramento, variação e ensino*.

Por último, apresentaremos as considerações finais acerca da pesquisa realizada, e logo em seguida, constarão as referências que tornaram possível o acesso à teoria responsável pelo desenvolvimento deste trabalho, bem como a contribuição de muitos estudiosos, sem os quais a efetivação de toda a nossa escrita seria impossível.

Acreditamos que essa pesquisa pode contribuir no despertar de um novo olhar acerca da nossa ortografia como também pode orientar reflexões quanto a história da língua portuguesa e o ensino de língua em uma perspectiva mais ampla.

2 HISTÓRIA DO LATIM

O latim era a língua falada, durante o primeiro milênio a.C., na região chamada Lácio, localizada na parte central da Itália. A língua que hoje é chamada de morta, compreendeu os séculos I a.C. a século I d.C., período de grandes contribuições literárias para formação de bases culturais, sociais e políticas, religiosas e filosóficas da Europa e, conseqüentemente, do mundo Ocidental.

Logo no seu período de surgimento, grandes escritores usavam o latim como um instrumento literário para a produção suas obras. Obras essas que são um marco na literatura e tudo o que fazem de tema para as suas narrativas. Temos como exemplo a Eneida, de Virgílio, que se dispõe em doze livros de 700 a 1.000 versos cada, retratando origens históricas e mitológicas de Roma, que no tempo era governada por Augusto, e viria a expandir seus domínios por diversos territórios distantes dali.

Figura 1- Povos pré-Romanos na Península Itálica (séc. X-VIII a.C.)



Fonte: <<https://interna.coceducacao.com.br/ebook/pages/533.htm>>. Acesso em: 2 fev. 2019.

A língua latina se apresentou sob dois aspectos distintos: um era a língua escrita caracterizada pela rigidez na correção gramatical e pela preocupação com o vocabulário, o latim clássico, que se deu por volta do século III a.C. em Roma através de escritores como Lívio Andrônico, Cneu Névio, Enio. Já na filosofia, retórica se destacou Cícero. Já o latim vulgar era falado pelas diversas camadas

mais humildes e profissões do Império Romano que não tinham preocupações com a gramática e traziam na fala praticidade e objetividade e foi essa língua que se expandiu durante e depois da queda do Império Romano.

Segundo Coutinho (2011, p. 50, grifo do autor):

O latim que se vulgarizou no território ibérico foi o do povo inculto, o *sermo vulgaris, plebeius ou rusticus*, de que nos dão notícia os gramáticos latinos.

A outra modalidade, denominada *sermo urbanus, eruditus ou perpolitus*, em que escreveram suas obras imortais Cícero, César, Vergílio, Horácio e Ovídio, foi aí também conhecida, sim, mas nas escolas, [...]. Mais tarde são os conventos ou mosteiros que guardam as tradições da boa latinidade.

Como exemplos da “boa latinidade”, os escritores evitavam expressões da plebe, mas o contato entre essas duas modalidades se deixou penetrar de vulgarismos ou expressões da língua culta. Nos escritos que falam da *sermo vulgaris* temos trabalhos de correção de formas errôneas que retratavam o falar da plebe e erros ocasionais, e isso era mostrado nas comédias como forma de provocar o riso. Esse latim se caracteriza por transformações no vocabulário: fonéticas, morfológicas e sintáticas.

As palavras se dividiam, no latim clássico, em cinco classes que eram chamadas de declinações, que se diferenciavam pelas suas terminações (I. *Hora, ae*; II. *Lupus, i*; III. *Ovis, is*; IV. *Cantus, us*; V. *Dies, ei*). Por ser confusa a distinção entre as declinações a qual pertencia alguns substantivos, a quinta à primeira e a quarta à segunda, as preposições passaram a definir as funções sintáticas na maioria dos casos e reduziram-se à três as declinações no latim vulgar.

Outro ponto importante sobre a história do latim é a relação dos termos da oração, que diferentemente do português, era estabelecida através do sistema de casos. Dessa forma, as palavras eram flexionadas e sua terminação indicava não só sua categoria nominal, como também sua função sintática. Diferentemente do que acontece na língua portuguesa em que a ocorrência sequencial das palavras é que define a função sintática das palavras dentro da oração.

Exemplo¹:

O homem viu a mulher.

Homo videt feminam. / Feminam videt homo.

¹ Exemplo elaborado pelo orientador (2019).

Femina videt homines. (A mulher viu o homem).

Como é possível observar a função sintática foi mudada pela forma da palavra. *Homo* no primeiro exemplo é sujeito, no segundo *homines* é objeto direto.

No latim clássico a função sintática era indicada por seis os casos: o nominativo, com o valor de nome, o vocativo, utilizado para interpelar um interlocutor, o acusativo, que corresponde ao objeto direto do nosso português, o genitivo, que corresponde à ideia de posse, o dativo, que representa o objeto indireto e o ablativo que corresponde ao agente da passiva e alguns adjuntos adverbiais, o que são doze formas diferentes considerando o singular e o plural.

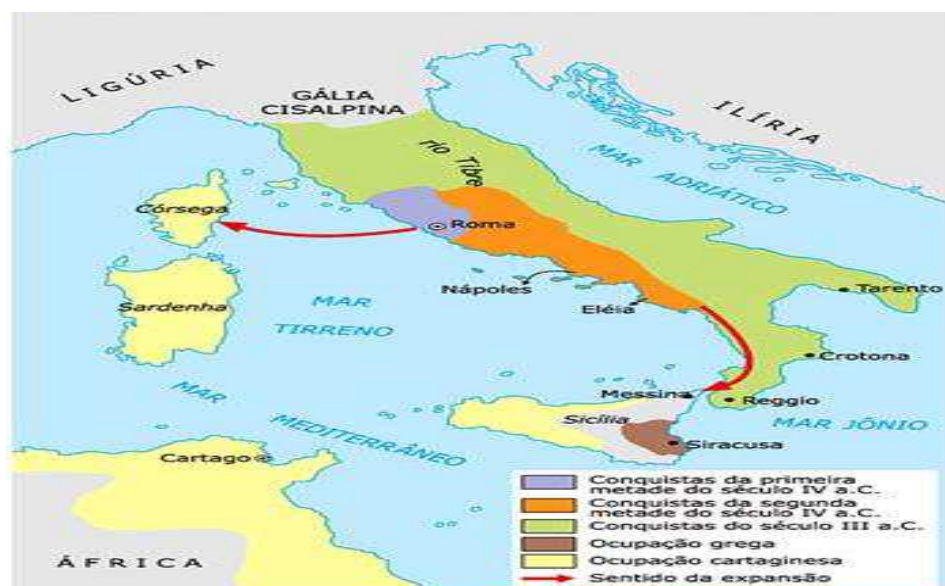
Os gêneros eram três: masculino, feminino, como os da nossa língua materna, e neutro, que abrangia os seres inanimados e, por vezes, foi confundido com o gênero masculino até ser absorvido por ele, já que a marca que os diferenciava foi desaparecendo durante a evolução da língua.

Exemplo²:

Caelum (Céu), esta palavra passou para o gênero masculino em português.

A conquista romana, que surgiu de uma série de conflitos, resultou em uma expansão (Figura 2) até se tornar o Estado dominante na Península Itálica.

Figura 2- Expansão de Roma na Península Itálica



Fonte: <<https://interna.coceducacao.com.br/ebook/pages/537.htm>>. Acesso em: 4 abr.

2019.

² Exemplo elaborado pelo orientador (2019).

O latim que já não era o clássico continuou sendo usado como língua do Império Romano. Cresceu e se tornou a língua oficial da Igreja Católica ocidental. Por muitos séculos foi usado como língua universal das relações internacionais, para o Império e para a Igreja, e tudo mais que fosse importante deveria ser escrito em Latim, como a filosofia, a ciência e teologia.

Figura 3- O Império Romano



Fonte: <<https://interna.coceducacao.com.br/ebook/pages/537.htm>>. Acesso em: 8 abr. 2019.

A Língua Latina, imposta pelo Império Romano aos povos conquistados de grande parte da Europa, como podemos ver na figura 3, em um ambiente cultural estremecido pelo contato de várias culturas, passou por mudanças por influência das línguas nativas daqueles povos, e a soma desses novos dialetos surgidos ganhou o nome de Romanço.

Após a queda do Império Romano (476 d.C.), o surgimento de novos dialetos se intensificou. Dentre as novas variantes de raiz latina surgiu o Galego-Português que abrangia Galiza e Portugal e aos poucos foi se distinguindo e adquirindo os traços linguísticos específicos.

O latim que se espalhou pelo território Ibérico através dos romanos foi o latim vulgar, que era a língua do povo. É no século XII que estão datados os primeiros

textos escritos inteiramente em Português ou Galego-Português, depois de dada a independência de Portugal.

Figura 4: Línguas faladas na Península com o avanço da reconquista



Fonte: <<https://interna.coceducacao.com.br/ebook/pages/537.htm>>. Acesso em: 23 abr. 2019.

A língua portuguesa que conhecemos hoje chegou até nós pelos Portugueses e passou por diversas transformações até chegar à configuração atual. Como afirma Gonçalves (2007, p. 9):

Assim, se falamos português hoje, é porque a região onde hoje fica Portugal fez parte desse processo de recepção da cultura dos conquistadores romanos e a língua latina lá falada foi aos poucos se diferenciando do latim falado pelas outras regiões, até que já não fosse a mesma língua. Somos, de certa forma, herdeiros lingüísticos (*sic*) da empreitada do mítico Enéias, e, por isso, é ainda muito importante aprendermos ao menos um pouco dessa língua que constitui um dos pilares fundamentais da cultura ocidental.

Sua origem se deu de uma mistura de línguas e culturas distintas. Numa perspectiva histórica da gramática, a Gramática Histórica ou Linguística Diacrônica os estudiosos abordam a origem da língua, suas evoluções, o que motivou as mudanças e os processos pelos quais a língua passou até os dias de hoje.

O processo de mudança em uma língua é dinâmico. Para Cardeira (2006, p. 15):

Envelhecer, no caso da língua, não conduz à morte mas à mudança. Cada nova fase da língua consiste não só na inovação, mas essencialmente na selecção (*sic*) de variantes que já existem na língua. Aceites por um determinado grupo socialmente prestigiado, as variantes seleccionadas (*sic*) serão generalizadas a toda a comunidade. Constitui-se, assim, um novo estágio de evolução da língua, cuja “estabilidade” sofrerá novos e perpétuos sobressaltos. Mas porque a língua procura esses patamares de estabilidade, o resultado de cada mudança linguística será sempre tendencialmente a constituição de uma norma, de um sistema organizado que, fatalmente, se tornará arcaico quando uma nova norma se afirmar.

A Língua está sujeita a mudanças inevitáveis que ocorrem por diversas causas, o que é uma tendência natural. Foi assim com a Língua Latina sofreu mudanças e contribuições que foram provocadas pelas outras línguas com as quais teve contato e dela originaram-se outras.

A língua portuguesa é um exemplo de língua neolatina, que também passou por transformações, no que se refere ao léxico, pois muitos perderam seu sentido original, adquirindo outros significados e passaram a fazer parte apenas da história das palavras, o que de fato aconteceu é que o latim continua vivo na língua portuguesa.

Segundo Coutinho (2011, p. 46, grifo do autor):

Pode-se afirmar, com mais propriedade, que o português é o próprio latim modificado. É lícito concluir, portanto, que o idioma falado pelo povo romano não morreu, como erradamente se assevera, mas continua a viver, transformado, no grupo de línguas *românicas* ou *novilatinas*.

Várias palavras do latim vulgar vieram para o português por isso o nosso léxico é formado basicamente de palavras de origem latina. Durante o processo de evolução algumas palavras sofreram alterações na sua estrutura. Esse processo é chamado de metaplasmo, que ocorreu tanto no processo de evolução da língua, numa perspectiva diacrônica, como ainda ocorre numa perspectiva sincrônica.

O metaplasmo é um processo que altera a estrutura da palavra por adição, supressão ou deslocamento de letras ou fonemas, mas no geral, não muda o significado da palavra. São os metaplasmos por permuta: sonorização, vocalização,

consonantização, assimilação, dissimilação, nasalação, desnasalação, apofonia e metáfora; por aumento: prótese ou prótese, epêntese, anaptixe ou suarabácti e paragoge ou epítese; por subtração: aférese, síncope, haplogogia, apócope, crase, sinalefa ou elisão e por transposição: metátese, sístole e diástole.

Exemplos (COUTINHO, 2011, p. 144, 146-147, 149):

auro> ouro- assimilação [por permuta]
 stella> estrela- epêntese [por acréscimo]
 episcopu> bispo- aférese [por subtração]
 semper>sempre- metátese [por transposição]

Essa característica da língua é demonstrada em algumas obras como, por exemplo, no *Appendix Probi*. A partir dele as palavras ganharam novas formas de serem escritas e pronunciadas. Para Gonçalves (2009, p.12, grifos do autor):

[...] *Appendix Probi*, anônimo, provavelmente datado do século III a.C., que se constitui simplesmente de uma lista na forma de “*X non Y*”, que funcionaria para que as pessoas dissessem ou escrevessem *X* ao invés da forma realmente usada, *Y*. Nessa lista temos, por exemplo, a seguinte linha: *auris non oricla*. Essa linha nos diz muita coisa sobre como as pessoas falavam, e sobre como a língua seguia seu curso de mudança natural. A forma *auris*, em latim culto, que significa ‘orelha’, na fala popular possivelmente recebia o sufixo diminutivo *-cula* resultando em *auricula*⁷ “orelhinha”. Daí para a forma *oricla*, que deveria ser evitada, temos a mudança do ditongo *au* para simplesmente *o*, e a queda da vogal *u* entre *c* e *l*. Ao estudarmos a passagem do latim para o português, vemos que é sistemática e regular essa mesma mudança de ditongos a vogais plenas, essas quedas de vogais e, além disso, vemos que frequentemente formas como *-cla* resultam em “-lha” e que vogais como *i* podem se “transformar” em *e*. Assim, “orelha” em português descende diretamente de *auris* ou de *oricla*? Parece claro que, ao menos nesse caso, a instrução do *Appendix* não funcionou! Mais de 20 séculos depois, sobrevive a forma “errada”!

O *Appendix Probi*, documento anônimo e datado do século III a.C., no qual se compilam os erros mais frequentes na fala latina da época, opondo-os às formas corretas do latim clássico é um dos registros mais importantes para o estudo do latim vulgar, mostrando as formas incorretas do uso do latim que eram recorrentes, principalmente na língua falada, com suas devidas correções gramaticais. Nele podemos identificar diversas transformações da língua.

Através da história da origem e das transformações da nossa língua, podemos perceber o quanto cada época contribuiu a seu modo para as mudanças

na nossa ortografia e ainda refletem nas reformas e adaptações hodiernas. A seguir apresentaremos um breve percurso histórico da língua portuguesa.

3 HISTÓRIA DA ORTOGRAFIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Nossa língua materna não é uniforme e a história de suas transformações demonstra bem isso. A ortografia dependeu por muito tempo dos escritores e da forma que eles usavam as palavras para se expressarem, o que fez surgir várias ortografias e, só depois de Gonçalves Viana com Ortografia Nacional, a etimologia das palavras passou a servir de base para as reformas na língua. Nessa época de desorganização a ortografia portuguesa teve três períodos que se dividiram em: fonético, pseudoetimológico e simplificado.

3.1 PERÍODO FONÉTICO

O primeiro deles surgiu com documentos escritos na língua portuguesa que datam até XVI. Esse período coincidiu com a fase arcaica. Não havia um padrão o que fez com que surgissem várias grafias de uma mesma palavra em um único documento, e se confundisse vogais dobradas, por queda da consoante medial, com crase.

Algumas das características do português arcaico somado ao período fonético foram: a representação do *i* que frequentemente era representado por *j* ou *y*, e quando era semivogal era representado por *h*; a nasalização representada de diversas maneiras: por *~* (til), *''* (dois acentos) e por *m* e *n*; a consoante *b* em situações em que nós usamos *v* no português moderno; o uso do *j* substituindo o *g*; a confusão quanto ao uso do *m* e do *n*; o uso da consoante *r* duplicado no início e no meio das palavras para diferir do *r* brando, entre outras particularidades. “O objetivo a que visavam os escritores ou copistas da época era facilitar a leitura, dando ao leitor uma impressão, tanto quanto possível exata, da língua falada” (COUTINHO, 2011, p. 72).

Segundo o autor (p. 72): “Escrevia-se não para a vista, mas para o ouvido.”. Nesse período se percebeu uma instabilidade gráfica, mas uma constante preocupação fonética que revelava a necessidade de escrever da forma como se ouvia. Além disso, era comum o mesmo escriba usar grafias diferentes para a mesma palavra.

O período fonético foi sucedido pelo pseudoetimológico buscando priorizar uma nova perspectiva na representação ortográfica, como veremos a seguir.

3.2 PERÍODO PSEUDOETIMOLÓGICO

Inicia-se com o fim do período fonético e vai até 1904, ano em que surge a Ortografia Nacional de Gonçalves Viana. Nesse período a grafia procurava seguir a etimologia das palavras considerando a origem grega, com isso era muito comum letras que não representavam nenhum fonema.

Surgem nessa época os primeiros tratados sobre a ortografia da língua portuguesa, em 1574, com Pêro de Magalhães de Gândavo. Outros tratados no século XVII com Álvaro Ferreira de Vera, no século XVIII com Madureira Feijó, são alguns exemplos.

Esse processo ortográfico se acentua no Romantismo onde se buscava escrever de acordo com etimologias enfeitadas. Como exemplo, temos: “*thio, poncto, septe* etc.” (COUTINHO, 2011, p. 72).

O período ficou caracterizado pelo uso de consoantes duplicadas e insonoras e o emprego de *y*, *k* e *w*, falsamente associados à etimologia grega.

Diferentemente do período fonético, o pseudoetimológico seguia a grafia etimológica mantendo letras provenientes da palavra original, mesmo que não representassem nenhum valor fonético, o que se fez perceber a predominância e a influência do latim no português, dando origem a novos vocábulos e mudanças já existentes atentando para a sua origem, a partir deste período até os atuais.

As marcas do período são mais perceptíveis na língua francesa, pois é comum letras que não representam valor fonético apenas de etimologia. Houve também um novo surto etimológico que não buscou realmente a origem da palavra, mas as buscou do francês e se imitou amplamente na língua portuguesa, daí o nome do período. Por exemplo, na língua portuguesa, a presença do *g* na língua latina se transformou em *i*:

Exemplo³:

Regina (latim) - Rainha (português)

³ Exemplo elaborado pelo orientador (2019).

Durante esse período houve algumas transformações fonéticas que se refletiram na escrita e em muitos casos esse desconhecimento levava a uma pronúncia “errada” o que se caracterizava como um “erro” de *ortoepia*.

Essa fase da história da ortografia gerou grande perturbação e dúvida nos leitores que não tinham segurança de pronunciar e/ou escrever corretamente as palavras, o que, para Coutinho (2011, p. 76, grifo nosso), não havia a necessidade de tantos “[...] *símbolos inúteis*, que [tiraram] [...] a simplicidade primitiva, dando-lhe um *ar postiço de afetação*”:

Faz-se mister, democratizar a ortografia. Já vai longe o tempo em que ela era considerada alguma coisa misteriosa, cujos segredos só competiam aos sacerdotes e iniciados.

A língua escrita, como a falada, é uma propriedade coletiva. Para que todos dela possam utilizar-se, como de direito, torna-se necessário que se eliminem os óbices por meio de uma grafia racional e fácil (COUTINHO, 2011, p. 76).

O período pseudoetimológico foi problemático e diverso, não houve um padrão uniforme e cada autor tinha sua própria grafia. Ele foi sucedido pelo período simplificado que perdura até os dias atuais.

3.3 PERÍODO SIMPLIFICADO

Nesse período buscou-se uma simplificação da ortografia da língua portuguesa dentre os autores que tiveram essa preocupação, podemos destacar: Gonçalves Viana, Leite de Vasconcelos, José Joaquim Nunes, entre outros, que foram nomeados pelo governo português.

O objetivo desses autores era a simplificação baseada em critérios fonéticos e etimológicos, a partir dos princípios básicos de Gonçalves Viana. Para isso, num primeiro momento houve tentativas de simplificar a ortografia em Portugal e no Brasil, separadamente. Em um segundo momento, essas tentativas passaram a ser em comum, o que aconteceu principalmente na segunda década do século XX.

O governo de Portugal tornou obrigatória uma reforma ortográfica para Portugal e seus domínios em 1 de setembro de 1911. No Brasil, porém a reforma teria se dado de uma forma diferente, sem a opinião de linguistas e suas

colaborações, o que resultou em um português que atendia ao aspecto fonético, o que prejudicou algumas relações entre Brasil e Portugal:

Além de representar essa divergência gráfica um sério embaraço ao mercado do livro, contribuía também para que se relaxasse o intercâmbio literário entre os dois povos irmãos. Foi para obviar a esses males, que as duas maiores instituições culturais do Brasil e Portugal – a Academia Brasileira de Letras e a Academia das Ciências de Lisboa – celebraram um *Acordo gráfico*, que o Governo Brasileiro tornou obrigatório para todo o território nacional (COUTINHO, 2011, p. 79, grifo do autor).

O sistema de reforma da grafia Luso-Brasileira tinha o objetivo de simplificação e se deu em 1907. A existência de duas ortografias para a língua portuguesa, sendo uma lusitana e outra brasileira, é considerada uma situação negativa para a unidade da língua diante do mundo. Em 1912 foi publicada e em 1915 foi aprovada pela Academia Brasileira.

Em 1919, houve uma revogação dessa reforma para que o processo de simplificação fosse estudado, o que gera protestos de acadêmicos renomados que acreditaram ser um retrocesso tendo em vista tudo que se já tinha construído. Depois disso, passou a servir de base a etimologia, até o ponto que esta não se distanciava da fonética.

Dez anos depois, em 1929, um novo sistema gráfico foi lançado. Nele continham regras das claras as que mereciam um pouco mais de atenção à etimologia. As reformas geravam certa resistência nos usuários de língua portuguesa, o que levou o Governo a estabelecer um *Acordo* oficial que foi celebrado em 1931, entre as academias do Brasil e de Lisboa e um Decreto-lei nº 292 de 23 de fevereiro de 1938, para esclarecer algumas dúvidas quanto ao acordo.

Entre as mudanças ocorridas no acordo de 31 estão: a não aceitação da escrita de qualquer consoante muda, a acentuação de oxítonas terminadas em I ou U, a acentuação de quaisquer proparoxítonas ou paroxítonas que pudessem suscitar dúvidas de pronúncia, a ausência de acentuação para marcar hiato, a supressão do S em palavras como *sciência* e *scisão*, passando a ciência e cisão (proposta adotada em 1945) etc.

Dois novos *Acordos* foram celebrados, um em 1943 e outro em 1945, e foram adotados por Brasil e Portugal, respectivamente. Em 1971 e 1973 houve algumas

alterações para reduzir as divergências ortográficas, e em 1990, as academias elaboram um novo acordo que entrou em vigor em 2009 após muitas modificações.

Em relação às alterações de conteúdo, elas afetam sobretudo o caso das consoantes mudas ou não articuladas, o sistema de acentuação gráfica, especialmente das esdrúxulas, e a hifenação.

Pode dizer-se ainda que, no que respeita às alterações de conteúdo, de entre os princípios em que assenta a ortografia portuguesa, se privilegiou o critério fonético (ou da pronúncia) com um certo detrimento para o critério etimológico.

É o critério da pronúncia que determina, aliás, a supressão gráfica das consoantes mudas ou não articuladas, que se têm conservado na ortografia lusitana essencialmente por razões de ordem etimológica.

É também o critério da pronúncia que nos leva a manter um certo número de grafias duplas do tipo de carácter e caráter, facto e fato, sumptuoso e suntuoso, etc. É ainda o critério da pronúncia que conduz à manutenção da dupla acentuação gráfica do tipo de económico e econômico, efémero e efêmero, género e gênero, génio e gênio, ou de bónus e bônus, sémen e sêmen, ténis e tênis, ou ainda de bebé e bebê, ou metro e metrô, etc. (BRASIL, 2009, p. 47).

A ortografia é uma convenção idealizada desde o português arcaico, como já vimos, que foi criada para facilitar a comunicação escrita através de um padrão, que dita como devem ser grafadas as palavras para que não haja confusão tanto para quem escreve quanto para quem lê.

Visto que, a nossa ortografia é composta por vários pontos sem justificativa ou regra que facilitem o entendimento de certas ocorrências, o que gera muitas dúvidas especialmente aos docentes e discentes, que nem sempre conhece a história da nossa língua e os processos de transformação pelos quais ela já passou e ainda passa, apresentaremos a seguir algumas dificuldades a serem observadas quanto os usos da ortografia e, sequencialmente sugeriremos formas de abordagens desses problemas pelo professor de língua materna.

4 PARTICULARIDADES DA ORTOGRAFIA NO ENSINO LÍNGUA PORTUGUESA

A ortografia, como já vimos, é uma convenção criada para facilitar a comunicação escrita. Além de complexa e nem sempre trazer consigo explicações que orientem o seu uso, a ortografia da língua portuguesa ainda possui a carga histórica e social, como afirma Bagno (2007, p. 63, grifo do autor):

Devido ao processo histórico de constituição da norma-padrão clássica, as regras consideradas “certas” e “boas” são o resultado de um processo de seleção (e, portanto, de exclusão) ocorrido em determinado lugar, em determinada época, por parte de determinado grupo social. [...] Ora, transcorridos mais de quinhentos anos depois do início desse processo de normatização, é impossível que aquele conjunto de normas do “bem falar” e do “bem escrever” corresponda de fato à realidade lingüística (*sic*) contemporânea, seja brasileira, seja portuguesa. Afinal, não só a língua mudou: mudaram também as mentalidades, os gostos e as modas, as formas de organização da sociedade, os modos de produção da vida material, os sistemas econômicos, os regimes políticos, os conhecimentos sobre o homem e a natureza etc. Não há por que esperar que só a língua (>norma> gramática) permaneça imóvel, inalterada e protegida das mudanças que afetam tudo o que diz respeito ao ser humano e à sua vida histórico-social.

Considerando o fator histórico-social, podemos perceber vários e recorrentes erros quanto à grafia que, segundo Monteiro (2008), podem ser relacionados à motivação fonética ou fonológica, pela supergeneralização ou relacionados ao sistema ortográfico, na questão da regularidade e irregularidade.

Os erros de motivação fonética acontecem, geralmente, no início da fase de escolarização, quando a criança escreve conforme ouve, o que tende a diminuir à medida que a criança convive com a escrita e percebe a distinção entre língua escrita e falada. Um exemplo de erro desse tipo é a inserção de vogais representando a fala em alguns dialetos.

Exemplo: “intão- então; fala- falar; pidiu- pediu” (MONTEIRO, 2008, p. 40).

Os erros de ordem fonológica são relacionados à troca por influência dos traços sonoros serem parecidos no modo ou ponto de articulação (Tabela 1).

Exemplo: ninguém- ninguém; amico- amigo (MONTEIRO, 2008, p. 42).

Esses equívocos podem ser ocasionados também em contextos onde se generaliza uma regra sem que ela se aplique àquele caso.

Exemplo: sentio- sentiu; sail- saiu (MONTEIRO, 2008, p. 43).

Quadro 1- Transcrições fonéticas indicando ponto e modo de articulação

MODO DE ARTICULAÇÃO	PONTOS DE ARTICULAÇÃO			
	LABIAL	DENTAL ou ALVEOLAR	PALATAL	VELAR
PLOSIVA	Sonora [b] Ex.: "bola" Surda [p] Ex.: "pato"	Sonora [d] Ex.: "dado" Surda [t] Ex.: "tatu"		Sonora [g] Ex.: "gato" Surda [k] Ex.: "casa"
FRICATIVA	Sonora [v] Ex.: "vaca" Surda [f] Ex.: "faca"	Sonora [z] Ex.: "zebra" Surda [s] Ex.: "sapo"	Sonora [ʃ] Ex.: "janela" Surda [ʃ] Ex.: "chuva"	Surda [x] Ex.: "roda"
AFRICADA			Sonora [dʒ] Ex.: "dia" Surda [tʃ] Ex.: "tia"	
NASAL	Sonora [m] Ex.: "mola"	Sonora [n] Ex.: "navio"	Sonora [ɲ] Ex.: "linha"	
LIQUIDA LATERAL		Sonora [l] Ex.: "lata"	Sonora [ʎ] Ex.: "telha"	
LIQ. NAO LATERAL		Sonora [r] Ex.: "orelha"		
GLIDE (SEMIVOGAIS)			Sonora [y] Ex.: "feijão" Sonora [w] Ex.: "sua"	

Fonte: Adaptada pelos autores (GOOGLE, 2019).

Quanto ao sistema ortográfico, as palavras podem dividir-se em: regulares e irregulares. As palavras que atendem as regularidades possibilitam antecipar como devem ser escritas através de regras que abordem o seu uso, e as que possuem irregularidades, quase não seguem nenhum princípio que justifique sua grafia.

São dois os tipos de regularidades: a contextual, que é a indicada pela posição de determinados fonemas na palavra (os diferentes sons que a letra *r* pode ter, por exemplo, *rato*, *porta*, *prato*, *guerra*), e a morfológico-gramatical, que está ligada a questões de natureza gramatical, como a derivação de outras palavras (é o caso do uso de *z* invés de *s*, por exemplo, *beleza* ou o uso de *ão* e *m* na flexão

verbal). Assim, segundo Morais, as irregularidades se apresentam de uma forma menos clara de se compreender:

Sabemos que no sistema alfabético de nossa língua há muitos casos em que um mesmo som pode ser grafado por mais de uma letra (por exemplo, “seguro”, “cigarro”, auxílio) ou em que uma mesma letra se presta para grafar mais de um som (por exemplo, “gato” e gelo). Nesses casos, onde em princípio haveria mais de uma grafia “candidata” a ser usada, é a norma ortográfica que define qual letra (ou dígrafo) vai ser a correta. Em muitos casos há regras, princípios orientadores que nos permitem prever, com segurança, a grafia correta. Em outros casos, é preciso memorizar. Ao ensinar ortografia, o professor precisa então levar em conta as peculiaridades de cada dificuldade ortográfica (MORAIS, 2008, p. 21, grifo do autor).

Nessa perspectiva, é necessário que se reflita sobre como a ortografia deve ser uma tarefa diária que crie situações de escrita espontânea dos alunos, com o desenvolvimento de atividades que despertem a curiosidade sobre as palavras, seja através da escrita ou da leitura.

Visto que, a ortografia não apresenta explicações para todas as suas formas, mas é rígida quanto ao seu uso, alguns erros, diante de uma correção brusca, podem fazer com que os discentes se sintam limitados, o que, por vezes, bloqueia uma participação maior e até um melhor desenvolvimento em sala de aula.

Diante disto, Bagno (2007, p. 61), enfatiza que: “[...] cabe ao ensino de língua criar condições para que os indivíduos possam produzir seu próprio conhecimento lingüístico (*sic*), aprendendo a praticar a investigação-teorização sobre os fatos da língua e da linguagem”.

Ainda nessa perspectiva, destacamos a concepção de Morais de que é necessário que professor avalie sua própria postura diante dos erros de seus alunos e, a partir disso, possa contribuir para um ensino mais efetivo da ortografia. Assim, “os erros, enfatizo, são pistas preciosas para o professor planejar seu ensino, para decidir sobre a seqüenciação (*sic*) das dificuldades ortográficas que ajudará seus alunos a superar” (MORAIS, 2008, p. 72).

Tendo em vista tantas mudanças ortográficas desde o latim até se chegar ao português de hoje, é perceptível que a língua está em constante mudança e que acompanhar esse processo não é uma tarefa tão simples ou que todos têm acesso, mesmo os professores de língua materna, nem sempre recebem a formação ou informações necessárias para levar para a sala de aula a história da ortografia.

Por isso, Cardeira destaca que:

Para percebermos o Português actual (*sic*) precisamos de escavar até aos alicerces: as raízes de traços tornados estruturais perdem-se no fundo dos séculos, apagada a sua memória permite entender como o passado ilustra o presente. E se isso é verdadeiro quando se trata de factos (*sic*) históricos, como não o será quando o objeto de estudo é a língua? (CARDEIRA, 2006, p. 80).

Na ausência de esclarecimento sobre a origem e evolução das palavras nos tornamos, muitas vezes, leigos diante de nossa própria língua. Quando não conhecemos a historicidade, nos prendemos apenas aos padrões ditos como verdade única e incontestável, deixamos de perceber a variedade lexical e as transformações que acontecem constantemente e atentamos apenas para uma visão sincrônica da língua.

A maior parte dos estudos acerca da ortografia é limitada a análise de erros e acertos, o que nos faz perceber as dificuldades mais explícitas, mas não ajuda a refletir o porquê de elas acontecerem e de como buscar soluções. Levando tudo isso em consideração, partimos para sugestões de como abordar a ortografia a partir do aspecto histórico nas aulas de língua portuguesa.

4.1 SUGESTÕES PARA O ENSINO DE ORTOGRAFIA EM UMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

É perceptível a cobrança que existe para que a escola ensine a norma-padrão e também é sabido que tudo o que foge a essa norma é apontado como erro, mesmo que seja de uso comum de determinada sociedade. Considerando os limites do professor diante das possibilidades de transformação do ensino, indicamos que a melhor saída seja ajudar o aluno a refletir as restrições ortográficas, permitindo que ele conheça as regras e alguns processos de transformação ocorridos na história da LP.

Desse modo, o professor pode possibilitar ao aluno questionar as próprias regras ortográficas, desenvolvendo atividades de leitura e produção como forma de mediar a descoberta/compreensão das normas através dos erros, e buscar formas de intervir na aprendizagem de maneira mais pontual.

Em sala de aula, é importante que o professor considere a aprendizagem de seus alunos e crie formas de intervenção que entendam a aprendizagem da ortografia como construção.

O professor pode, de forma planejada, introduzi-los na história da língua portuguesa, trazendo ao conhecimento de seus alunos que o português surgiu de outra língua, que as línguas, no geral, estão sujeitas a mudanças conforme o passar do tempo, por influência de culturas e povos, como ocorreu na nossa língua. Também é necessário que se considere que as transformações ocorridas há tanto tempo atrás, se refletem ainda nos dias atuais.

Figura 5- Fases do Ciclo da Abordagem da Escrita



Fonte: Bagno; Stubbs e Gagné (2007, p. 68).

O ensino de ortografia de acordo com a abordagem tradicional, não dá conta de todas as particularidades relacionadas à ortografia, porque está, de certo modo, centralizada apenas em uma das possibilidades de ensino, isto é, atenta quase, senão, unicamente a norma culta.

O professor pode possibilitar ao aluno conhecer a abordagem tradicional, especialmente pela quantidade de recursos disponíveis para esse tipo de método, para que ele conheça diferentes produções escritas e comece a conviver com a ortografia através do conhecimento de diferentes tipos de texto e formas de expressar as ideias em momentos de leitura e atividades de produção textual no ambiente escolar.

Fica claro para nós professores que, maioria dos equívocos quanto à grafia, são justificáveis do ponto de vista fonético, fonológico e do sistema ortográfico, que possuem tantas regras a serem obedecidas e irregularidades a serem percebidas, estudadas e memorizadas, e fica evidente que essas questões não são uma dificuldade unicamente de nós professores.

Na minha experiência como aluna e como estagiária, pude perceber que a ortografia, por vezes, se apresenta para os discentes, como um empecilho que os leva a questionar seus conhecimentos e habilidades quanto a escrita da sua própria língua, e também para o professor, que se sente limitado diante dos velhos métodos rígidos da abordagem tradicional de uma aprendizagem totalmente descontextualizada e da resistência por parte do corpo docente e indisponibilidade de materiais que atentem para uma nova realidade de ensino.

O aluno produz o seu texto, com suas ideias e formas de se expressar e muitas vezes, antes mesmo de ser percebido criativo na estruturação de suas ideias, o professor se sente induzido a corrigir essencialmente a ortografia do texto, deixando de lado o conteúdo do mesmo e fazendo com que seu aluno se intimide na escrita por se sentir inseguro diante da ortografia. Como afirma Moraes (2008, p.126):

Ancoradas numa gramática normativa insensível ao modo como as pessoas realmente falam e escrevem, as didáticas da língua portuguesa que até hoje encontramos em muitas escolas levam o aprendiz a ver as atividades de ler e escrever como coisas estranhas a ele.

As abordagens tradicionais apontam para um ensino limitado de língua totalmente prescritiva, e nós professores somos responsáveis por reformular os métodos de acordo com as necessidades de cada turma, entrando na possibilidade de cada aluno, considerando os seus conhecimentos e apresentando a ortografia não como uma vilã, mas aliada do aluno e de suas produções. Como destaca Moraes (2008, p. 126)

Creio que quando ajudamos o aluno a internalizar a norma ortográfica como um objeto de conhecimento, como uma faceta da língua que ele pode desvelar a partir da reflexão, estamos contribuindo para democratizar o acesso ao mundo da escrita. Estamos ajudando o aluno não só a internalizar conhecimentos que lhe permitirão comunicar-se melhor (e deixar de ser alvo de

discriminações), mas também ampliar os sentidos que ele pode estabelecer quando interage com a linguagem escrita.

Faz-se necessário criar situações de produção em que o aluno se sinta motivado a escrever os seus textos, livre para cometer erros como forma de aprender sobre a língua. Além de que, temos que perceber a importância do conteúdo elaborado pelo aluno, sem que se faça da ortografia uma adversária que está ali como forma de prejudicar o seu desempenho no texto.

Em um segundo momento, depois de perceber todos os pontos positivos do texto, o professor pode se voltar as normas da língua e ajudar os seus alunos a perceberem as complexidades da língua e como a ortografia é importante para a nossa comunicação escrita, ressaltando que se cada pessoa escrevesse ao seu modo, teríamos dificuldades de compreender as palavras.

Uma opinião frequente do alunado é de que bastava para resolver os problemas da grafia que se escrevesse tal qual se fala, o que nós sabemos que é problemático. Dada esse tipo de situação, o docente pode resgatar a história da nossa língua e lembrar que já tivemos um período em que se escrevia como se falava, o que fez surgir várias formas para uma mesma palavra.

Além disso, muitos erros cometidos até hoje são justificáveis quando se leva em consideração os metaplasmos e todas as suas contribuições, que há tanto tempo transformaram o latim, e se refletem nas simplificações e nos equívocos que percebemos no português atual, e se faz necessário que se perceba por ser a língua tão suscetível a mudanças.

O professor pode e deve ser um mediador não só de prescrições, como também de reflexões sobre o funcionamento da nossa língua instigando os alunos a ter uma boa relação com a ortografia, produzindo, descobrindo, assimilando, questionando o seu funcionamento e as suas particularidades e produzindo seu próprio conhecimento.

A ortografia tem várias facetas e regras que envolvem diferentes competências. Pensando assim, consideramos nessa pesquisa o erro como sendo algo construtivo e importante no processo de aprendizagem para que o professor crie hipóteses de como o seu alunado constrói os conhecimentos ortográficos e a partir de novas alternativas didáticas, tenha a possibilidade de adequar à sua realidade para aulas mais produtivas.

Professor(a), finalizamos aqui nossas sugestões de abordagem da ortografia em sala de aula, acreditando ter contribuído de forma positiva com pensamentos de novas estratégias de conhecimento da língua. Desejamos um proveitoso uso das nossas sugestões.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção de conhecimento e as formas de apresentar a nossa língua em sala de aula é uma preocupação constante do professor que busca encontrar novas e eficazes formas de ensino de língua portuguesa. Sabemos que a língua é muito complexa e que sua história traz consigo características e possibilidades de compreender e conhecer a nossa ortografia.

É necessário que façamos com que a língua seja agradável de ser desvendada, fugindo da antiga cobrança de que se decore regras, palavras e usos, e não se fuja das normas do “bem falar e escrever”.

Acreditamos que o melhor caminho seja acreditar no ensino construído dia após dia, diante de erros e acertos, lendo e escrevendo espontaneamente, descobrindo os aspectos da língua e toda a sua historicidade, para que diante do erro possamos reconhecer as lacunas do ensino prescritivo e possamos assumir um papel crítico diante da língua.

Na elaboração dessa pesquisa, fizemos diversas leituras relevantes para o conhecimento da língua e o reconhecimento de métodos de ensino que fogem da abordagem tradicional e abrem possibilidades de ensino contextualizado nos aspectos sociais e históricos da língua.

Desse modo, foi possível alcançar todos os objetivos específicos, o que nos levou a concluir de modo satisfatório o objetivo geral, que consistiu em analisar a evolução histórica da ortografia da língua portuguesa para perceber como essas mudanças são significativas para o ensino efetivo da ortografia.

A metodologia responsável por nortear este trabalho foi adequada, pois nos possibilitou caminhar pelos comandos que nos levaram a apontar caminhos de um ensino de ortografia contextualizado e a alcançar os objetivos traçados. Ao lado disso, afirmamos ser importante que se desenvolvam pesquisas que investiguem o ensino de língua a fim de sugerir melhorias no ensino e na aprendizagem.

Mais que apontar formas de abordar a ortografia, buscamos refletir a língua como sendo um reflexo de tudo o que existiu na sua história de transformações, e considerar que assim como a língua é preciso que nos reinventemos sempre buscando um diferencial no ensino. Destacamos ainda que o ensino vai muito além de prescrições e fórmulas e que cada professor tem suas questões.

Consideramos que as discussões em torno das temáticas aqui abordadas não se encontram de todo modo finalizadas, uma vez que outras pesquisas poderão surgir, tendo em vista as diversas possibilidades do ensino de língua portuguesa. Contudo, também estamos cientes de que podemos acrescentar ao ensino da ortografia um novo olhar que contribuirá para que os velhos métodos não encubram o principal objetivo do professor em sala de aula, de apontar caminhos e guiar os seus alunos ao conhecimento de língua.

REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos. A inevitável Travessia: da prescrição gramatical à educação lingüística. In: _____; STUBBS, Michael; GAGNÉ, Gilles (Org.). **Língua Materna: letramento, variação & ensino**. 4. ed., v. 3. São Paulo: Parábola Editorial, 2007. p. 13-82.
- BRASIL. **Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa**. Brasília: Senado Federal, 2014, p. 58. Disponível em: <http://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/182955/Acordo_Ortografico_da_Lingua_Portuguesa.pdf?sequence=8>. Acesso em: 12 jun. 2019.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Gramática Histórica**. 1. ed., Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- GONÇALVES, Rodrigo Tadeu. História do latim e as línguas neolatinas. In: _____ (Org.). **Língua Latina**. Curitiba: IESDE, 2007. p. 7-14. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/5128305/livro-lingua-latina?utm-medium=link>>. Acesso em: 6 maio 2019.
- _____. Estrutura da língua latina comparada com a do português.. In: _____ (Org.). **Língua Latina**. Curitiba: IESDE, 2007. p. 31-36. Disponível em: <<https://www.passeidireto.com/arquivo/5128305/livro-lingua-latina?utm-medium=link>>. Acesso em: 8 maio 2019.
- MONTEIRO, Carolina Reis. **A aprendizagem da ortografia e o uso de estratégias metacognitivas**. 2008. 171f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pelotas, Pelotas- RS, 2008. Disponível em: <<https://wp.ufpel.edu.br/geale/files/2010/11/MONTEIRO.pdf>>. Acesso em: 18 jun. 2019.
- MORAIS, Artur Gomes de. **Ortografia: Ensinar e Aprender**. 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 2008.